



OPINIÃO

RELATÓRIO E CONTAS

**RUI PATRÍCIO**
Advogado

Va, pensiero, Ederzito

Na noite em que Portugal jogou com a Áustria, teve lugar no S. Carlos a última récita do “Nabucco”. Para quem vê nas coincidências sinais de ligação entre as coisas, talvez não tenha sido por acaso. Enquanto se encerrava a temporada lírica, com uma ópera que tem como um dos seus momentos mais altos e emotivos o coro dos escravos hebreus (“Va, pensiero, sull’ali dorate”), os adoradores do Baal esférico verde-rubro tiveram uma desilusão e no seu espírito acendeu-se a dúvida acerca das grandezas da sua Babilónia. Mas depois as coisas foram melhorando, e Portugal acabou campeão europeu na final de Paris. Na ópera as coisas começam mal para os hebreus, mas depois melhoram, até à libertação e à alegria finais. Como se disse na noite de 10 de julho e nos dias seguintes, valeu a pena acreditar. Os portugueses – embora ciclotímicos como são, oscilando entre a depressão e a euforia – acreditaram e em conjunto (uns mais, outros menos) entoaram o seu “vai, pensamento, sobre asas douradas”.

O futebol é hoje muito mais do que futebol. É um catalisador de paixões, uma sublimação para pequenezes, medos, fraquezas e solidões. E é um poderoso fator de união, quase uma transcendência, tem o seu quê de religioso,

Parte da troca de opiniões entre defensores e críticos da futebolização do país durante o Europeu falhou a baliza.

aqui ali é uma coisa de vida ou de morte. Talvez seja o que de mais identitário e agregador hoje existe em grande parte do mundo. Mais do que uma bandeira ou um hino. É um caleidoscópio de emoções profundas, é um totem, é tribal. Daí ser tão importante para tantas pessoas em muitos lugares. Poucas coisas têm hoje o sentido de superação que o futebol tem ou a sua capacidade de união e de paixão. E não é apenas em Portugal ou em países do Sul da Europa ou da América Latina. Mal ou bem, goste-se ou não, a verdade é que é assim, é um facto – que não é de agora, nem parece que vá deixar de ser.

É por isso que acho que parte da troca de opiniões entre defensores e críticos da futebolização do país durante o Europeu falhou a baliza, pois discutiu-se essencialmente futebol, quando a futebolização tem mais que ver com outras coisas. Sobretudo com aquela força agregadora e identitária. É indiscutível que na base está o domínio do futebol-desporto na vida de hoje. Mas é muito mais do que isso, e não o compreender é não alcançar bem do que se trata. Os “intelectuais amargos” (como uns chamaram a outros) têm razão quando apontam o dedo ao aproveitamento que os poderes (comunicação social, poder político, etc.) fazem do fu-

tebol e do seu significado. Mas isso é apenas uma parte da questão, e não é o essencial.

O essencial tem que ver com a pertença ao grupo e a identificação, com a superação do individual e o valor disso. Nação é talvez a palavra que melhor expressa. E isso, curiosamente, num momento da vida universal em que a ideia clássica de nação perde sentido – com a mestiçagem, as viagens e as migrações, a velocidade e a superficialidade. Anuncia-se a morte simbólica de Vestefália, mas em redor do futebol há um sentido intenso, profundo e visceral de pertença. Talvez seja uma reinvenção da ideia de nação. Quando depois da euforia da vitória chega a evidência frustrante do dia a dia, poderemos dizer, com a mesma nostalgia agrídoce com que Bogart o diz a Ingrid Bergman em “Casablanca”: “Teremos sempre Paris.” E quanto não vale isso? Há-de valer muito, mesmo para quem de futebol em si mesmo gosta pouco. Para Bergman vale muito e é o que ela leva quando o avião levanta rumo a Lisboa e à esperança. Vai, pensamento. Teremos sempre Paris. ■

Este artigo está em conformidade com o novo Acordo Ortográfico